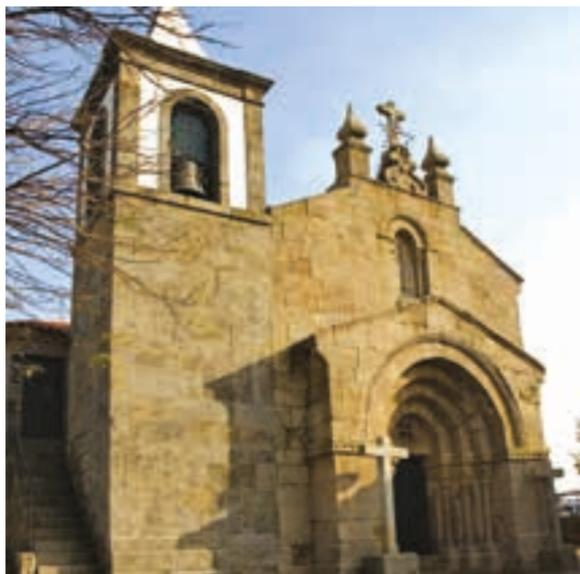


3.

IGREJA DO SALVADOR DE UNHÃO



Largo da Igreja
Unhão
Felgueiras



41° 18' 43.70" N
8° 14' 11.56" O



918 116 488



Sáb. 18h/19h (inv./ver.)
Dom. 8h



Divino Salvador
6 agosto



Imóvel de Interesse
Público, 1950



P. 25



P. 25



x

A Igreja do Salvador de Unhão constitui um estimável testemunho da arquitetura românica portuguesa. O portal principal, de excelente qualidade, apresenta um conjunto de capitéis vegetalistas considerados entre os mais bem esculpidos de todo o românico do Norte de Portugal.

Apesar das transformações que foi recebendo ao longo do tempo, e que sagazmente alteraram a construção românica, conservou-se a epígrafe que regista a dedicação da Igreja, em 28 de janeiro de 1165. Esta inscrição constitui o mais antigo testemunho da sua história, já que as referências documentais conhecidas não são anteriores a 1220.

A matriz de Unhão, de planta longitudinal, conserva a nave da construção românica, já que a capela-mor corresponde a uma reforma da Época Moderna. Do século XVIII deverá datar a torre sineira incorporada na fachada principal. Embora a parte superior da torre seja claramente dessa época, a sua construção pode ter resultado da existência de uma torre sineira medieval, já incorporada na fachada, à maneira da torre do Mosteiro de Cête (Paredes) (p. 78).

Nesta Igreja, construída durante a primeira metade do século XIII, é patente uma miscigenação de soluções decorativas próprias da região com outras, provenientes da região de Braga. Este aspeto é, aliás, uma das características da arte românica que demonstra a circulação de modelos e a itinerância das equipas de artistas.

A escultura do portal principal da Igreja de Unhão, fundamentalmente vegetalista, não deixa por isso de acusar um especial cuidado posto no seu arranjo. O motivo da cruz vazada colocado no tímpano mostra bem quanto se estimou a presença deste tipo de sinais que protegiam os templos.



INSCRIÇÃO

Gravada na face exterior da parede sul da nave, junto do ângulo com a fachada ocidental, a inscrição da dedicação da Igreja regista:

ERA MCC o III o DEDICATA / FUIT EC(c)LESIA ISTA o Per MANUS/
ARCHIEPISCOPI IOHANNIS BRACHARENENSIS / Vº KaLeNdAS F(e)B(rua)RII
o IN IUDICIO o MAGISTER o SISALDIS[?].

É uma inscrição comemorativa da dedicação da Igreja que, segundo Mário Barroca, foi gravada já depois de a parede sul estar erguida o que permite datar ou essa fase da construção, ou a conclusão do templo.

A Igreja foi dedicada por D. João Peculiar, que ocupou o cargo de arcebispo de Braga entre 1138 e 1175.

A referência ao "Magister Sisaldis" e a existência de uma série de siglas com um "S" de grande dimensão parecem indicar o nome do mestre da obra, elemento raro no panorama da arquitetura românica portuguesa. No entanto, o alçado do portal ocidental não pode corresponder a uma data tão recuada.

NOSSA SENHORA DO LEITE

A imagem de Nossa Senhora do Leite, colocada no retábulo-mor, é uma escultura muito curiosa que merece atenção. A ausência de movimento da figura de Nossa Senhora, a dimensão da cabeça e das mãos - proporcionalmente muito grandes relativamente ao corpo - parecem acusar uma datação românica. Esta desproporção não deve ser avaliada unicamente como uma inabilidade do artista. Muitas vezes ela é intencional. Estas imagens eram pensadas para serem vistas de baixo para cima, sendo realçados os elementos mais expressivos.

De olhar fixo e ausente, Nossa Senhora não estabelece nenhuma relação visual com o Filho, como é próprio daquela época. No entanto, o facto de o Menino ser representado como uma criança, apresentando-se nu e olhando para a Mãe, indicia uma iconografia própria da época gótica.

Embora a origem da representação de Nossa Senhora do Leite remonte ao século IV, é a partir do século XIII que este tipo iconográfico é mais aceite e amplamente glosado. A devoção e o culto a Nossa Senhora crescem extraordinariamente na época gótica, acompanhando uma tendência para uma aproximação entre as figuras sagradas e os crentes. É neste contexto que surgem as variantes da Virgem da Ternura, nas quais se enquadra a representação de Nossa Senhora amamentando o Filho.

Em calcário policromado (pedra de Ançã) e de origem desconhecida, a imagem da Igreja de Unhão constitui um interessante testemunho da persistência das formas românicas em plena época gótica.

Na escultura românica portuguesa não é necessária a presença de motivos figurativos para que o programa tenha uma intenção. Na verdade e, mais rigorosamente, não devemos falar de escultura decorativa quando os motivos são simplesmente geométricos ou vegetalistas. O facto de a própria escultura se centrar nos portais é, por si só, significante dos valores simbólicos atribuídos ao portal. É esta uma das características mais fascinantes do românico português que o românico da bacia do Sousa singularmente desenvolveu.

